

O PORQUINHO JAMAIS AUSENTE:
NOTAS PARA O ESTUDO E TRADUÇÃO DO *TESTAMENTUM PORCELLI*

The Never Absent Piglet: Notes for the Study and Translation of Testamentum Porcelli

DOI: 10.14393/LL63-v40-2024-57

Marcus Vinícius Lessa de Lima*

RESUMO: Conhecemos como *Testamentum Porcelli* um texto latino anônimo cuja produção costuma ser situada no século IV d.C. Este artigo caracteriza sua leitura brasileira como limitada a aspectos linguísticos associados ao dito latim vulgar. Acompanhando uma tradução preliminar, o objetivo da argumentação é recuperar, por meio de momentos-chave da farta bibliografia internacional sobre o tema, o interesse de pesquisa que esse texto poderia reencontrar nos Estudos Clássicos nacionais.

PALAVRAS-CHAVE: *Testamentum Porcelli*. Paródia latina. Latinidade tardia. São Jerônimo. Testamento animal.

ABSTRACT: *Testamentum Porcelli* is an anonymous Latin text believed to have been written in the 4th century AD. This article characterizes the Brazilian reading of this text as limited to the association of its language to the so-called vulgar Latin. After providing an outline of a translation into Portuguese, this article discusses key points from the extensive bibliography written on the theme, aiming to restore its relevance for Brazilian Classical Studies.

KEYWORDS: *Testamentum Porcelli*. Latin parody. Late Latin Antiquity. Saint Jerome. Animal testament.

1 Presença e não-presença do texto

O *Testamentum Porcelli* — “Testamento do porquinho” ou “do leitão” — é um breve texto parodístico de autoria desconhecida, provavelmente composto no século IV d.C., escrito a partir de fórmulas textuais do direito testamentário romano. Condenado à morte por um cozinheiro (ou açougueiro), o infame porquinho *M. Grunnius Corocotta* dita seu testamento. Primeiro, reparte suas rações para o pai, a mãe e a irmã; depois, destina doze partes de seu

* Mestre em Estudos Literários (UFU). Doutorando em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus Araraquara. ORCID: 0000-0001-9632-5384. E-mail: lessa.lima(AT)unesp.br.

corpo a legatários variados; em seguida, dois objetos são legados ao próprio cozinheiro que irá matá-lo. Termina com a encomenda dum pomposo monumento funerário e as orientações para as exéquias, após o que assinam as testemunhas.

São Jerônimo fez duas famosas alusões a esse texto no início do século V, note-se desde já, em enquadramento sensivelmente negativo.¹ No primeiro livro da *Apologia Contra Rufinum*, datado de 401, encontraremos uma invectiva contra o pouco domínio do latim escrito que o autor atribui ao rival Rufino de Aquileia. A certa altura, leremos o seguinte:

alguns [...] satisfeitos em serem lidos pelo vulgo, desprezam os ouvidos dos instruídos [...] Como se não fosse uma turba de encaracolados a recitar nas escolas os contos milésios, além do testamento do porco, que faz os Bessos se sacudirem às gargalhadas, tal como em banquetes de hístriões, em que frivolidades dessas abundam. A cada dia um falso adivinho açoita em praça pública as nádegas dos imbecis, e, girando seu bastão, arranca os dentes aos que lhe mordem: e ainda nos surpreendemos que os livros dos imperitos encontrem leitor? (Jer., *Contra Rufinum* 1.17; tradução própria).²

Anos depois (408-410) o *Testamentum* tornou a aparecer, na introdução ao 12º livro dos *Commentarii in Isaiam*, outra vez associado às fábulas milésias. Ao divertimento dessas, São Jerônimo contrapôs a dedicação exigida pelo *Timeu*. O jogo de valores é claro: distante da complexidade do texto platônico, o porquinho *Grunnius Corocotta* encontrará seus leitores mais adequados entre rapazes de riso fácil.

Nenhum escritor é tão incompetente que não seja capaz de encontrar um leitor à sua semelhança. É muito maior a quantidade dos que leem e releem as fábulas milésias do que as obras de Platão. Afinal, numas há zombaria e distração, noutras a dificuldade e fadiga do trabalho laborioso. Em suma, do *Timeu* (que discorre sobre a harmonia do universo, o curso dos astros e os numerais), o próprio Cícero que o traduziu confessa não compreender seu sentido, enquanto o testamento do porquinho Grunho Hiena é recitado às gargalhadas por multidões de garotos nas escolas (Jer., *Comm. in Isaiam* 12, *praef.*; tradução própria).³

¹ Estes primeiros parágrafos baseiam-se na contextualização feita por Jean-Jacques Aubert (2005) em sua apresentação, tradução e interpretação do *Testamentum Porcelli*. Apesar duma versão anterior ter sido publicada em 2000, referencio a mais atual porque revisada e modificada pelo autor.

² “*quidam [...] vulgi lectione contenti, doctorum aures despiciunt [...] Quasi non cirrorum turba Milesiarum in scholis figmenta decantet: et testamentum suis, Bessorum cachinno membra concutiat, atque inter scurrarum epulas, nugae istiusmodi frequententur. Quotidie in plateis fictus ariolus stultorum nates verberat, et obtorto scorpone dentes mordentium quatit: et miramur si imperitorum libri lectorem inveniant?*”

³ “*Nullus tam imperitus scriptor est qui lectorem non inveniat similem sui, multoque pars maior est Milesias fabellas revolventium quam Platonis libros. In altero enim ludus et oblectatio est, in altero difficultas et sudor mixtus labori.*”

Num capítulo de 1982, republicado em 1984, Barry Baldwin iniciava destacando a escassez, à época, de uma discussão anglófona sobre esse texto:

Ainda que não muito comentado, especialmente não em inglês, o *Testamentum Porcelli* é interessante sob vários aspectos. Ele nos permite um vislumbre do currículo escolar da Roma tardia; sua forma e seu conteúdo constituem um documento frequentemente negligenciado por historiadores do direito; para os linguistas, há um número considerável de palavras raras e sem ocorrências noutra parte (Baldwin, 1984, p. 137; tradução própria).⁴

A situação no Brasil era mais restritiva nos anos 1980 (e assim segue) do que o quadro esboçado por Baldwin. No *Repertório brasileiro de língua e literatura latina (1830-1996)*, Eduardo Tuffani (2023) registra uma única tradução do *Testamentum Porcelli*, exatamente a que marcou sua entrada na discussão brasileira, proposta por Raul José Sozim (1987). Como a fonte não foi digitalizada, hoje é uma tradução difícil de consultar. Só se chega a ela de segunda mão, e, mais grave, sem as notas do tradutor.

A influente publicação da *Linguística Românica* de Rodolfo Ilari em 1992 popularizou a tradução de Sozim, ao dar-lhe o enfático posto de único texto em latim que o livro reproduzia na íntegra. Na edição mais recente, a de 2018, tal destaque é ampliado ainda mais, já que Ilari ainda excluiu da publicação o outro material que abordava mais longamente, um recorte de cinquenta glosas do manuscrito conhecido como *Appendix Ad Probum* (chamado de *Probi* pelo autor), reduzido agora a apenas seis. Entretanto, o que mais chama atenção na *Linguística Românica*, e o que interessa mais para a presente discussão, é em qual momento o *Testamentum Porcelli* entrava em cena.

Numa resenha subsequente à primeira edição, Evanildo Bechara (1994) identificou como principal problema do livro de Ilari, e aliás dentre inúmeras outras inconsistências apontadas, a “opção de doutrina” (p. 95) na conceituação do latim vulgar e na sua descrição como o “elo perdido” — expressão minha, não do resenhista — entre as línguas neorromânicas e o latim. Logo na sequência, o autor defendeu o que seria a sua própria escolha doutrinária:

Denique Timaeum de mundi harmonia astrorumque cursu et numeris disputantem ipse qui interpretatus est Tullius se non intellegere confitetur, testamentum autem Grunnii Corocottae porcelli decantant in scholis puerorum agmina cachinnantium.”

⁴ “Though not much written about, especially not in English, the *Testamentum Porcelli* engages interest on several counts. It affords a precious glimpse into the schoolroom curriculum of later Rome; form and content constitute a frequently overlooked document for legal historians; for linguists there are a number of rare and unexampled words.”

O Prof. Ilari [...] tem o latim vulgar como “a língua efetivamente falada no mesmo período [isto é, no final da República e no início do Império] (p. 58), que se opõe ao latim literário”. Por isso, vê o latim vulgar como “um *proto-romance*, isto é, como o ponto de partida da formação das línguas românicas” [...] Esse conceito de latim vulgar aqui adotado, que o opõe ao latim clássico, isto é, essa tese sociológica de que o latim vulgar “foi de fato uma língua eminentemente popular” (p. 59), é muito difícil de ser aplicado à sociedade romana, em que em todas as atividades, públicas ou privadas, conviviam aristocratas, plebeus e antigos escravos tornados libertos [...] Sou dos que acreditam que a melhor lição está com aqueles para quem, conforme Coseriu, o chamado *latim vulgar* “não é nenhuma língua histórica real, mas apenas uma abstração que explica o elemento latino 'herdado' pelas línguas românicas”, definindo-o como “um conjunto de formas 'vivas' (faladas) durante a época imperial”, formas todavia nem contemporâneas nem universais (Bechara, 1994, p. 95-96).⁵

Não há espaço aqui para aprofundar o problema, que é, sem dúvida, a questão fundamental da linguística histórica românica. Contudo, ao levantá-la, a resenha traçou muito bem qual território de interesse acolheria o *Testamentum Porcelli* na discussão acadêmica brasileira. Ali, ainda em 1994, Bechara demarcava — certamente sem pretender ou antecipar as consequências disso — os limites que o debate do texto conheceria até o presente. Veja-se, por exemplo, a única aparição do *Testamentum* em sua resenha:

Na p. 115 é transcrito o *Testamentum porcelli* que melhor talvez estivesse posto ao lado dos textos que integram “as fontes escritas do proto-romance” (p. 65 e ss.); entre os comentários há o relativo a *parentes* “para indicar qualquer tipo de parentesco e não apenas os pais”; uma consulta ao *Dictionnaire étymologique* de Ernout-Meillet desfaz a afirmação de que tal uso é devido a “interferências do latim vulgar” (Bechara, 1994, p. 101).

Ilari não revisou tal “comentário” na edição de 2018 (p. 119), talvez porque a correção a partir de Ernout e Meillet (2001, p. 482) não fora de todo precisa, a julgar pelo fragmento que exemplifica, no *Dictionnaire étymologique de la langue latine*, o uso desde a época imperial do plural de *parens* com o sentido de outros parentes que não os pais. Trata-se de passagem de uma das obras já mencionadas de São Jerônimo: “a não ser que, por acaso, chame de *parentes*, à maneira da linguagem militar e vulgar, aos que lhe são consanguíneos ou aliados” (Jer., *Contra Rufinum* 2.2; tradução própria)⁶. Justiça seja feita, não há aqui diferenciação tão grande entre

⁵ A paginação no corpo da citação é da primeira edição de Ilari. Após citá-lo, Bechara cita, respectivamente, o livro *El llamado “latín vulgar” y las primeras diferenciaciones romances*, de Eugenio Coseriu (1954), e a terceira edição das *Lições de Linguística Românica*, de José Gonçalo Herculano de Carvalho (1966-1967).

⁶ “*nisi forte parentes militari volgarique sermone cognatos et affines nominat*”.

sermo vulgaris e *sermo castrensis* que chegue justificar a correção de Bechara. O problema apontado talvez não passasse da escolha lexical infeliz de Ilari pela palavra “interferências”, que sem dúvida reforça a impressão de terem existido níveis linguísticos demasiado estanques na sociedade imperial romana, a ponto de elementos compartilhados serem descritos pelo viés da intrusão.

A despeito da sugestão talvez excessiva, é bastante relevante, por outro, que Bechara tenha apontado o lugar melhor para o *Testamentum Porcelli* nas páginas agrupadas (e assim continuam na edição de 2018) em seção intitulada “As precárias fontes escritas do protorromance”. O *Testamentum* vem um pouco à frente disso, após as seções reservadas às características fonológicas, morfológicas e sintáticas do latim vulgar, e logo antes da seção voltada ao léxico. Quer seja mantida a organização de Ilari, quer seja acatada a sugestão de Bechara, num caso e noutro os limites seriam os mesmos, pois todas as seções mencionadas pertencem a uma única das grandes partes em que o livro foi dividido: “O Latim Vulgar”.

Quase uma década após o lançamento do livro de Rodolfo Ilari, o *Testamentum Porcelli* apareceria em posição semelhante noutra obra brasileira de referência. No primeiro volume dos *Elementos de Filologia Românica*, com primeira edição em 2001, Bruno Basseto mencionou o porquinho numa subseção do capítulo “Origem das Línguas Românicas”, dedicada justamente a textos latinos tardios que são fontes documentais importantes para tentativas de recomposição e descrição do latim vulgar:

Antiga paródia de caráter jurídico, o *Testamento do Porquinho* já era conhecido por São Jerônimo; foi escrito por volta de 350. Seu autor conhecia muito bem a terminologia técnica do Direito Romano e sua linguagem é gramaticalmente correta. Os vulgarismos usados procuram efeitos cômicos, por conotação com significados populares, como *capitinae* (“cerdas da cabeça”), *cymae* (“brotos”), *popia* (“colher”), *soliversator* (“fuçador do solo”), *vascella* (“vasilha”) entre outros (Basseto, 2013, p. 124).

É tudo o que Basseto tem a dizer. Ao contrário de Ilari, sequer apresenta algum trecho. Mas há um ponto a que confluem os dois autores: o interesse no *Testamentum* é somente linguístico. E essa é sua tradição brasileira de leitura até o momento: a descrição da linguagem do texto tornou-se mais importante que o próprio texto. O único aspecto digno de investigação são as supostas marcas de coloquialidade e os traços do latim vulgar, infiltrados em meio à linguagem gramaticalmente rígida das fórmulas testamentárias parodiadas.

Tal focalização é confirmada pelos outros dois trabalhos que fizeram referência mais recente ao *Testamentum Porcelli*. Num artigo de Costa (2011), é um dos textos que formam o *corpus* dedicado ao estudo “das preposições na passagem do latim clássico ao latim vulgar e às línguas românicas” (p. 111). Nem o texto nem sua tradução são apresentados, apesar de a tradução de Sozim constar entre as referências bibliográficas, e apesar de um comentário do tradutor vir corroborar a análise linguística feita pela autora. Em pouco mais de uma página, apenas três fragmentos mínimos são transcritos, somente os que servem de exemplo à verificação histórica pretendida. Noutro artigo, de Moreira e Costa (2022), o assunto é a “variação do fenômeno de redução do ditongo primário *au* do latim ao português” (p. 136). Agora, o porquinho resente bastante sua ausência: é apenas um nome entre outros, numa lista dos exemplos documentais de fontes do latim vulgar que apareceram em Ilari ou Bassetto. Tudo indica que o texto se tornou quase ausente nos Estudos Clássicos brasileiros, a despeito de ter sua função pacificada como uma fonte documental de traços linguísticos identificados no trânsito do latim às línguas neorromânicas. Quando é lembrado, hoje, é texto para ser descrito, jamais lido ou traduzido, e sua descrição, aliás, é unidimensional.

Talvez seja o momento de preparar uma nova tradução do *Testamentum Porcelli*, visto que, como já disse, a proposta de Raul José Sozim tornou-se praticamente inacessível à maioria dos leitores interessados. Iniciar tal empreitada demanda atualizar a descompassada discussão brasileira, haja vista a extensa bibliografia que hoje preenche aquele vácuo diagnosticado por Barry Baldwin em 1984, e isso, apenas para mencionar o contexto anglófono. Cabe acrescentar que o reconhecimento de tal defasagem em solo brasileiro impactaria até mesmo o juízo que faríamos do trabalho de Sozim caso o acessássemos, afinal, ele jamais poderia ter conhecido *a priori* uma bibliografia em grande parte posterior à sua tradução.

As próximas páginas são dedicadas a tal empreitada preparatória, com o objetivo de introduzir o estado mais recente da discussão sobre o *Testamentum Porcelli*. Aproveitando-me da referência anterior a Bruno Bassetto, recorro a passagem em que o autor delimitou o conceito moderno de filologia, “em sentido estrito, [...] como a ciência do significado dos textos; e em sentido mais amplo, como a pesquisa científica do desenvolvimento e das características de um povo ou de uma cultura com base em sua língua ou em sua literatura” (2013, p. 37). Um modo de fazer jus a ambos os sentidos é o trabalho filológico com escritos

cuja complexidade é grande e o mistério, sedutor. Jamais reduzir tais textos a uma única dimensão faz deles sobretudo uma chave para estudarmos os fundamentos de uma cultura e de um tempo: seus hábitos e interesses, seus medos e esperanças, os conflitos travados entre seus divertimentos e proibições.

2 *Testamentum Porcelli*: o texto e uma tradução preliminar

O texto latino do *Testamento do porquinho* foi transcrito por Ilari (2018, p. 120) a partir da *Antología del Latín Vulgar* de Díaz y Díaz (1962, p. 55-56), autor que, por sua vez, seguiu a edição de W. Heraeus (1939) a partir dos manuscritos, além de referenciar uma edição de F. Bücheler, de 1904⁷.

Minha transcrição está conforme a de Díaz y Díaz, e coincide quase por completo com outras duas transcrições recentes, ambas acompanhando traduções: a de Aubert (2005) para o inglês, e a de Dzikowski, Jurewicz e Molisak (2016) para o polonês. Os colchetes indicam que acato a sugestão de Gordon Williams — que conheci via Aubert (2005)⁸ — de movermos, ao contrário da lição mais corrente, o *incipit* testamentário para a posição posterior à narrativa introdutória, ponto do texto em que o porquinho de fato começará a ditar seu testamento.

Apresento na sequência uma proposta de tradução, com a função apenas de situar os problemas de estudo introduzidos mais adiante. Jamais as pretensões dessa tradução devem ser tomadas como definitivas: os imensos aparatos de notas que acompanham os trabalhos de Dzikowski, Jurewicz e Molisak (2016) e Aubert (2005) demonstram a complexidade do texto, cuja breve extensão não nos deve enganar. Não há espaço aqui para semelhante aparato, sem o qual minha tradução não deve ser caracterizada senão como “preliminar”.

1. Magirus cocus dixit: “veni huc, eversor domi, solivertiator, fugitive porcelle, et hodie tibi dirimo vitam”. Corocotta porcellus dixit: “si qua feci, si qua peccavi, si qua vascella pedibus meis confregi, rogo, domine cocu, vitam peto, concede roganti”. Magirus cocus dixit: “transi, puer, affer mihi de cocina cultrum, ut hunc porcellum faciam cruentum”. Porcellus comprehenditur a famulis, ductus sub die XVI Kal. Lucerninas, ubi abundant cymae, Clibanato et Piperato consulibus. Et ut vidit se moriturum esse, horae spatium petiit et cocum rogavit, ut testamentum facere posset. Clamavit ad se suos parentes, ut de cibariis

⁷ Champlin (1987, p. 176), citando a edição mais recente, situa em Bücheler (1904; 1963) a primeira menção conhecida às passagens em que S. Jerônimo desdenha do *Testamentum*.

⁸ Aubert nos remete à dissertação de Meyer (1988), que inclui a sugestão de Williams. Por ter consultado a versão digitalizada do ensaio de Aubert, não adiciono paginação nas citações a ele.

suis aliquid dimittere eis. Qui ait:

2. *[Incipit testamentum porcelli:*

M. Grunnius Corocotta porcellus testamentum fecit. Quoniam manu mea scribere non potui, scribendum dictavi.]

3. *“Patri meo Verrino Lardino do lego dari glandis modios XXX, et matri meae Veturinae Scrofae do lego dari Laconicae siliginis modios XL, et sorori meae Quirinae, in cuius votum interesse non potui, do lego dari hordei modios XXX. Et de meis visceribus dabo donabo sutoribus saetas, rix[at]oribus capitinas, surdis aurículas, causidicis et verbosis linguam, bubulariis intestina, esiciariis femora, mulieribus lumbulos, pueris vesicam, puellis caudam, cinaedis musculos, cursoribus et venatoribus talos, latronibus unguas. Et nec nominando coco legato dimitto popiam et pistillum, quae mecum attuleram; de Theveste usque ad Tergeste liget sibi colum de reste. Et volo mihi fieri monumentum ex litteris aureis scriptum: ‘M. GRVNNIVS COROCOTTA PORCELLVS VIXIT ANNIS DCCCC.XC.VIII. S[EMIS]. QVODSI SEMIS VIXISSET, MILLE ANNOS IMPLESSET.’ Optimi amatores mei vel consules vitae, rogo vos ut cum corpore meo bene faciatis, bene condiciatis de boni condimentis nuclei, piperis et mellis, ut nomen meum in sempiternum nominetur. Mei domini vel consobrini mei, qui testamento meo interfuistis, iubete signari.”*

4. *Lardio signavit. Ofellicus signavit. Cyminatus signavit. Lucanicus signavit. Tergillus signavit. Celsinus signavit. Nuptialicus signavit. Explicit testamentum porcelli sub die XVI Kal. Lucerninas Clibanato et Piperato consulibus feliciter.*

1. Magarefe, o cozinheiro, disse: “vem cá, destruidor da casa, fuçanheiro de chão, porquinho fugitivo, pois que hoje ponho fim à tua vida.” Hiena, o porquinho, disse: “se assim o fiz, se de algum modo errei, se quebrei algumas vasilinhas com meus pés, rogo, senhor cozinheiro, peço pela minha vida, atende ao suplicante.” Magarefe, o cozinheiro, disse: “apressa-te, garoto, traze a mim a faca da cozinha, para que eu sangre o porquinho.” O porquinho é apanhado pelos criados e conduzido no dia décimo sexto antes das Calendas Lucerninas, quando abundam os brotos, consulado de Pimêncio e Fornissado. E como notasse que estava prestes a morrer, solicitou o prazo de uma hora e rogou ao cozinheiro, de modo que pudesse fazer seu testamento. Berrou que viessem seus parentes, para deixar a eles algo de suas provisões. Eis o que disse:

2. *[Começa o testamento do porquinho:*

M. Grunho Hiena, o porquinho, fez este testamento. Como não pude escrever de punho próprio, ditei para que fosse escrito.]

3. *“A meu pai, Gorrino Toucino, determino que sejam dados trinta módios de bolotas, e à minha mãe, Vetustina Porcina, determino que sejam dados quarenta módios de trigo da Lacônia, e à minha irmã, Cerdina, em cujo matrimônio não pude estar, determino que sejam dados trinta módios de cevada. E de minhas vísceras, determino que concederei aos sapateiros as cerdas, aos brigadores o focinho, aos surdos as orelhas, aos advogados e tagarelas a língua, aos linguiceiros os intestinos, aos açougueiros as coxas, às mulheres o lombinho [ou os testículos, ou a zona erógena da cintura e lombar até virilha, genitais e ânus]⁹, aos rapazinhos a bexiga [ou a vulva], às garotinhas o rabo [ou a cauda, ou o pênis], aos afeminados o traseiro [ou o conjunto dos músculos em geral, ou as nádegas, ou o pênis],*

⁹ Aqui e à frente, aparecem entre colchetes os trocadilhos erótico-obsenos que as palavras latinas guardariam. Sigo as lições de Sandra I. Ramos Maldonado (2005) para a interpretação desse léxico.

aos corredores e caçadores os artelhos, aos ladrões os cascos. E ao cozinheiro, que não será nomeado, deixo a concha e o pilão que sempre trouxera comigo; de Teveste a Tergeste, com uma corda no pescoço se apreste. E quero que seja feita para mim uma lápide gravada com letras douradas: M. GRUNHO HIENA, O PORQUINHO, VIVEU 999 ANOS. E MEIO. DONDE SE VIVESSE MAIS MEIO, MIL ANOS TERIA COMPLETADO. Meus caríssimos amigos, ou melhor, cônsules da minha vida, rogo a vós que disponhais bem do meu corpo, e o façais descansar bem condimentado de amêndoa, pimenta e mel, de modo que meu nome seja lembrado pela eternidade. Meus senhores, ou melhor, primos meus, que testemunhastes meu testamento, ordenai que seja assinado.”

4. Touço assinou. Almôndego assinou. Ensopado assinou. Salsichânio assinou. Courilo assinou. Celsino assinou. Casamentálio assinou. Finda o testamento do porquinho, no dia décimo sexto antes das Calendas Lucerninas, consulado de Pimêncio e Fornissado, com êxito (tradução própria).

3 Os problemas batem à porta

Bassetto (2013, p. 124) situou o *Testamento do porquinho*, conforme passagem que citei mais acima, por volta do ano 350 d.C., sem dar maiores explicações. Talvez tenha retirado a informação de Díaz y Díaz (1962, p. 54), obra que consta entre suas referências, porém, mesmo o filólogo espanhol não explicava a datação. Mais cauteloso nesse ponto, Ilari (2018, p. 118) posicionou o texto provavelmente no século IV d.C., o que coincide com a lição de Baldwin (1984, p. 138): as únicas balizas para fixarmos uma data são aquelas dispostas por São Jerônimo. E não podemos retirar daí mais do que um *terminus ante quem*: o texto deve ser anterior a 401-402, se é esse o intervalo a que pertence a primeira citação de Jerônimo.

O recuo às imediações de 350 d.C. talvez se justifique quando levamos em conta a popularidade que o texto teria conquistado até os primeiros anos do século V, pois do contrário jamais ocuparia posição tão destacada, ainda que negativa, no texto de S. Jerônimo. É preciso tempo para a transmissão e, deduz-se, para o sucesso e a má-fama. Mas Baldwin também nos advertia quanto à curiosa ausência de qualquer menção ao porquinho anterior à do tradutor da *Vulgata*, o que coloca para nós um impasse vinculado à sorte do texto na latinidade tardia. Foi o *Testamentum Porcelli* um mero exemplo de mau-gosto estilístico e banalidade de assunto que São Jerônimo poderia ter substituído por qualquer outro à mão? Ou há mais significância

em sua escolha (e se há, qual o motivo...?), tendo em vista que ele chegou mesmo a nomear seu rival Rufino de Aquileia como *Grunnius*, o *nomen gentilicium* do porquinho?¹⁰

3.1 Uma transmissão e a outra

As circunstâncias da transmissão do texto podem ser resumidas em dois momentos: até o século XVI e, depois, do XIX em diante. O primeiro período é conhecido, tal como informa Aubert (2005), por sete manuscritos entre os séculos IX e XII, uma cópia no século XVI a partir de arquétipo perdido, e outras três edições impressas do XVI (com variações que não se encontram nos manuscritos conhecidos), dentre as quais a *editio princeps* de Soncinus Fano, em 1505. Ainda que ocorra um misterioso salto do século XII para o XVI, o fato de a transmissão textual ter chegado a nós parece ratificar uma das boas intuições de Aubert: o conteúdo instigante do texto é decerto a melhor razão para o recepçarmos como um *bestseller* antigo, o que justificaria, aliás, sua transmissão séculos adentro.

Modernamente, o porquinho recomeçou seu *post mortem* sem muita celebração. Edward Champlin (1987, p. 174) e o já citado Aubert recordam como em 1860 seu primeiro editor moderno, Moritz Haupt, falava dele com desprezo:¹¹ “piadas não de todo tolas, mas demasiado ligeiras” (*apud* Aubert, 2005; tradução própria)¹²; ignorância gritante em matéria de lei a ponto de as inconsistências esvaziarem o testamento de seu valor legal (*apud* Aubert, 2005; Champlin, 1987, p. 174); e recordação da Antiguidade cuja preservação deveria ser lamentada diante da perda de monumentos muito mais ilustres (*apud* Champlin, 1987, p. 175).

O pouco interesse moderno¹³ foi superado na segunda metade do século XX, ponto em que alguns trabalhos mereceriam atenção para qualquer estudo mais aprofundado. Foi A. D’Ors (1953; 1955) quem iniciou sua reabilitação pela via da história jurídica; no ano seguinte, Herrmann (1956) publicaria a primeira tradução francesa; seguiram-no a celebrada tradução

¹⁰ Para discussão e referências sobre o nome *Grunnius* dado a Rufino nos escritos de S. Jerônimo, Baldwin cita D. S. Wiesen (1964, p. 229). Champlin (1987, p. 176) o repete, acrescentando F. Cavallera (1922, p. 131-135).

¹¹ Para consulta, tanto Aubert quanto Champlin referenciam a edição posterior de Haupt (1876).

¹² “*iocos non insulsos plane sed mediocriter lepidos*”.

¹³ Baldwin (1984, p. 137) recorda que em inglês, na primeira metade do século XX, o resumo de uma comunicação oral de C. A. Forbes e M. S. Guinsburg (1933) trilhava um caminho praticamente solitário. Aubert (2005) registra a publicação completa desse texto em francês alguns anos depois (Forbes; Guinsburg, 1936). De antes da década de 1930, Maldonado (2005, p. 410) cita F. Gurlitt (1924), ao que tudo indica em alemão, que consta igualmente entre as referências de Aubert (2005). Ainda anterior é a contribuição de L. Radermacher (1918), em alemão, lembrado por Champlin (1987, p. 175) como outro que dispensou por pouco refinado o humor do porquinho.

para o inglês de David Daube (1969) e a tradução comentada para o alemão de Nikolaus A. Bott (1972). Em espanhol, os anos 1980 conheceram três trabalhos, que o mundo anglófono, aliás, ainda ignora: P. J. Quetglas (1980) seguiu a linha de investigação dos aspectos jurídicos do texto, enquanto M. C. Fernández López (1983) e J. Bermúdez Ramiro (1985) dedicaram-se ao estudo linguístico. Em inglês, é dessa mesma década o famoso comentário de G. Anderson (1980) — áspero ao tratar do senso de humor do *Testamentum* (Champlin, 1987, p. 175) —, além do trabalho já citado de Baldwin (1984) e do ensaio dono do mais provocativo convite à leitura até à data, feito por Champlin (1987, p. 175; tradução própria):

A obviedade do humor levanta algumas questões difíceis. Nós (para começar, muito menos familiarizados com anatomia suína) por acaso compreendemos texto e contexto da maneira como estudantes romanos os compreendiam? E enquanto nos congratulamos por perceber as piadas óbvias, será que não ignoramos as que não são tão óbvias, talvez ainda mais engraçadas para eles? Quanto à vulgaridade, humor baixo não é sinal de falta de sofisticação: para traçar o paralelo óbvio, Trimalquião pode ter sido um homem simplório, seu criador Petrônio certamente não era.¹⁴

São pouco conhecidos os trabalhos de Daniel Fabre e Claudine Fabre-Vassas (1979) e B. Mocci (1981), bem como o artigo de Ricardo Fercia (1998-1999), que lê o *Testamentum* a partir do direito sucessório romano e do helenismo jurídico do século IV d. C.¹⁵ No ano 2000, Aubert publicou sua tradução francesa do texto, na primeira versão do ensaio que citei até aqui. Na segunda versão, como já disse, sua tradução para o inglês veio a público. Nesse mesmo ano, Sandra I. Ramos Maldonado (2005) publicava na Espanha um artigo sobre os trocadilhos eróticos em seis palavras do *Testamentum*, contribuição que por si só demonstra o quanto o interesse terminológico ultrapassa a fronteira do latim vulgar traçada pela discussão brasileira.

¹⁴ “The obviousness of the humour begs some difficult questions. Do we (who, for a start, are less familiar with porcine anatomy) understand the text and context in the way that Roman schoolboys understood it? And while congratulating ourselves on seeing the obvious jokes, have we missed those that are not so obvious, that were perhaps even funnier to them? As to its lowness, low humour is no sign of lack of sophistication: to take the obvious parallel, Trimalchio may have been a simple man, Petronius his creator most certainly was not.”

¹⁵ Infelizmente três textos inacessíveis aos leitores brasileiros, salvo o resumo do artigo de Fercia. Champlin (1987, p. 174) referencia em rodapé o texto de Mocci, dizendo-o inacessível à época, ao qual Aubert adiciona em nota similar o outro texto inacessível (e ainda hoje) de Fabre e Fabre-Vassas. O artigo de Maldonado (2005) tem sua importância ampliada, pois a autora lê e comenta Mocci (1981), preenchendo reconhecidas lacunas em Champlin e Aubert. Outros trabalhos menos lembrados, focados em questões lexicais demasiado específicas mas de interesse indubitável para a tradução, são os de E. Chiarugi (1978), sobre a designação *solivertiator* dada ao porquinho, o de G. Scarpato (1980), sobre o uso do verbo *transire* como um traço de estilo semítico, e o de J. Linderski e J. Lindperski (1997), sobre a data baseada nas *Kalendae Lucerninae*.

No ano anterior, Chappuis Sandoz (2004) publicara outra tradução francesa. E para finalizar o levantamento, a tradução para o polonês de Dzikowski, Jurewicz e Molisak (2016), que já mencionei, e a tradução grega de Demétrios Mantsílas (2020) reavivaram a presença do porquinho em nosso milênio.

3.2 Duas formas de manter vivo o interesse

Pelo caminho trilhado, não restam dúvidas do interesse acadêmico moderno-contemporâneo no texto. E vários aspectos já mereceram alguma investigação. Aubert (2005) chamou atenção para o número de *hápax legómena*¹⁶ que ressaltam à primeira vista: *solivertiator* (< *solum vertere*), *lucernina* (= *lucerna*), *rixores* (= *rixatores*), *capitina* (= *caput*), *bubularius* (= *botularius*), *esiciarius*¹⁷ (= *esicarius* < *insicium*, gr. *ἰσίκιον*) e *popia*.¹⁸ Dentre esses, Bassetto (2013, p. 124) se limitara a descrever como vulgarismos *popia*, *capitinae* e *solivertiator* (aliás grafando *soliversator* erroneamente), e Ilari (2018, p. 119), apenas *esiciarius*. No domínio do latim vulgar Aubert (2005) mencionou, por sua vez, apenas o uso pouco comum do verbo *transire* no sentido de “ir”, atestando-o em três passos da *Vulgata*¹⁹ de Jerônimo.

A discussão, aqui, já transpôs o limite dos vulgarismos e alcançou os jogos parodísticos e as prováveis alusões feitas pelo autor do *Testamentum*. Maldonado (2005, p. 409) fala em vários níveis de paródia: das linguagens religiosa²⁰, epigráfica²¹ e literária²², além da jurídica,

¹⁶ Um *ἄπαξ λεγόμενον* (*hápax legómenon*) ou simplesmente *hápax* — aqui, no plural, *ἄπαξ λεγόμενα* — é, em dado *corpus* textual, ou em dado idioma, “uma palavra que ocorre isoladamente uma só vez, o que dificulta a correta compreensão de seu conteúdo semântico” (Bassetto, 2013, p. 58).

¹⁷ Neste ponto, Aubert (2005) traz *isicarius* em vez de *esiciarius*, mas na sua transcrição está o plural *isicarii*.

¹⁸ Para colação, Aubert (2005) encontra *rixatores* em Quintiliano, *Institutio Oratoria* 11.1.19, mas a referência correta seria 11.1.29 (*videas autem rixatores quosdam...*); *botularius* em Sêneca, nas *Epistulae* 56.2 (*Iam libari varias exclamationes et botularium et crustularium et omnes popinarum institores...*), e as formas *bublarius* e *bucularius* em inscrições cujos registros são dados mais longamente pelo autor; já *popia*, remete a um glossário tardio que, no entanto, não menciona; Maldonado (2005, p. 419) preenche a lacuna: no GLOSS. III 366.30, aparece *popia ζωμήρυσις*, que traduz como “cucharón” em espanhol ou “poche” em francês (“concha” em português).

¹⁹ Lucas 12.37 e 17.7; Atos 24.7.

²⁰ A propósito de *concede roganti* fala, com base em D’Ors (1953, p. 75; 79-80), numa fórmula rítmica que lembra uma oração. Sobre o verbo *transire*, aponta uma provável paródia do Eclesiastes 29.33 (*transi, hospes, et orna mensam...*), citando Scarpata (1981), tal como Aubert (2005) ao comentar o mesmo verbo.

²¹ O tom pomposo de certos monumentos funerários é zombado pela idade hiperbólica que o porquinho reivindica.

²² A autora cita as *Vitae* de Suetônio, *Nero* 37.3, que corrijo para 37.2: *mori iussis non amplius quam horarum spatium dabat*. Outro precursor literário estaria na repartição das *viscera*, que no *Testamentum* são as partes do corpo do porquinho, não apenas seus órgãos internos: Champlin (1987, p. 178) retrocede o precedente ao *Satyricon* 141.2-4, quando, em seu testamento, Eumolpo (com outras nuances) condiciona a recepção dos legados à partição e devoração públicas de seu corpo pelos legatários.

mais evidente. Também são parte desse senso de humor hoje estranho a nós, o léxico que a autora se dedica a explicar. Além dos ingeniosos trocadilhos nos nomes das personagens, as palavras *lumbuli*, *vesica*, *cauda*, *musculi*, *popia* e *pistillum* devem ter provocado um incontestável riso erótico-cômico. A discussão é muito extensa e remeto ao artigo, que ampara em grande número de fontes a tradição sexual desses vocábulos (p. 421).

No domínio da paródia jurídica, Aubert (2005) é o melhor compilador da discussão. Com algumas fontes para colação, o autor associou ao testamento pretoriano (*testamentum praetorium*) as fórmulas jurídicas parodiadas — *do lego dari*, *dabo donari* e *legato dimmito* — e verificou os erros formais que acarretariam a nulidade do testamento. Contudo, sem a sisudez antes demonstrada por Haupt (1876), reconheceu na estrutura testamentária uma fonte de humor: quem esperaria, com seriedade, encontrar valor legal no testamento ditado por um porquinho? A discussão é outra vez bastante extensa e devo remeter ao ensaio do autor para maiores esclarecimentos. De todo modo, tanto Aubert (2005) quanto Champlin (1987, p. 177) observaram que o autor anônimo do *Testamentum* não era ignorante em matéria de lei e não poderia, por consequência, ser iletrado. Mais importantes, na verdade, são o conhecimento e a cultura (ou falta dela?) que projeta em seu personagem. Recuperando argumentação anterior de D’Ors (1955) e desenvolvendo-a a partir de Daube (1969), Champlin (1987, p. 178) sustentou que a narrativa introdutória e as falhas na estrutura testamentária apontam para um soldado que dispõe aos legatários seu *peculium castrense* antes de ser executado por crimes militares. O testamento de soldados, recordou o autor, era isento de maiores exigências jurídicas. Nosso personagem, ainda, como muitos soldados romanos, dita o texto por não saber escrever, detalhe a se olhar de perto, já que o porquinho, apesar de coerentemente não deter a escrita, fala com notável desenvoltura. Além disso, não aparecem esposa ou filhos entre os legatários, o que também corroboraria descrição recorrente dos militares romanos.

A partir do nível jurídico, a “explicação solene da piada” (Champlin, 1987, p. 176; tradução própria)²³ foi mais além, a começar pelo mistério da data presente no texto. A questão das *Kalendae Lucerninae* foi resolvida, diz Champlin (p. 176), por I. Mariotti (1978). Maldonado (2005, p. 408), por sua vez, leu trabalhos posteriores e atribuiu tal realização a Mocchi (1981, p. 4-8), reencontrando depois a hipótese em J. Linderski e J. Lindperski (1997,

²³ “The following is a solemn attempt to explain a joke.”

p. 105-107). Não é de suma importância se esses autores leram uns aos outros, mas fato é haver consenso situando a morte do porquinho no primeiro dia da Saturnália. Em síntese, dentre os presentes de Ano Novo trocados nas calendas de janeiro, era comum a troca de *lucernae* (daí o adjetivo *Lucerninae*), uma promessa de luz para o ano por iniciar. Dezesesseis dias antes, no 17 de dezembro, iniciava a Saturnália e o fim do outono era celebrado, sendo a carne de porco a mais popular entre os alimentos tradicionalmente comidos na ocasião.²⁴

Ajuntou-se a esse problema o do *cognomen Corocotta* (Anderson, 1980), mais difícil de resolver do que a óbvia derivação do gentílico *Grunnius* a partir de *grunnire* (grunhir). Maldonado (2005, p. 409), por exemplo, aludiu aos trocadilhos possíveis com *carococta* (“carne cozida”) e *coerococta* (“porco cozido”). Também é costumeiro lembrar, e aqui o faço via Ernout e Meillet (2001, p. 144), que o substantivo *corocotta* designou um animal etíope (talvez a hiena), em empréstimo do grego *χοροχοτ(τ)άς*, adaptado, por sua vez, de uma língua africana não mencionada pelos filólogos. Aubert (2005) falou de um animal lendário identificado à palavra *corocotta*, repetindo Champlin (1987, p.179), que encontrou em Plínio a descrição de um híbrido nascido do cruzamento entre um lobo e uma cadela, ou entre uma hiena macho e uma leoa.²⁵

A única menção conhecida na Antiguidade a alguém de nome *Corocotta* se refere a um bandoleiro ibérico da época de Augusto (Champlin, 1987, p. 179). A história é lembrada por Dião Cássio (56.43.3): fixada uma vultuosa recompensa por sua captura, ele teria se apresentado por conta própria ao imperador, que, impressionado por tamanha ousadia, deu-lhe o dinheiro e desculpou-lhe os crimes. Nosso infame porquinho, afora as ressonâncias culinárias que Maldonado (2005) encontrou, e afora a natureza híbrida reforçada pelo estranho animal descrito por Plínio, seria também um criminoso (*eversor domi, solivertiator*) e um desertor (*fugitivus*). Um soldado a dispor de suas poucas posses, mas igualmente um *latro*,

²⁴ Maldonado (2005, p. 408), via Mocci (1981), remete-nos a Marcial 14.71: *Iste tibi faciet bona Saturnalia porcus, / Inter spumantes ilice pastus apros.*

²⁵ A fonte dada por Champlin é *Naturalis Historia* 8.72 e 8.107. Na edição de K. F. T. Mayhoff (1906), a palavra *crococta* aparece em 8.34 (*crocotas velut ex cane lupoque conceptos, omnia dentibus frangentes protinusque devorata conficientes ventre*), e *corocotta* em 8.47 (*huius generis coitu leaena aethiopica parit corocottam, similiter voces imitantem hominum pecorumque. acies ei perpetua, in utraque parte oris nullis gingivis, dente continuo: ne contrario occurso hebetetur, capsarum modo includitur*). Aubert (2005) fala ainda em Estrabão, *Geografia* 16.4.16, e Eliano, *Natura Animalium* 7.22, ampliando a caracterização (ao que tudo indica, pelo conjunto das três fontes) até uma besta lendária devoradora de homens, com a habilidade de imitar a voz humana e os sons de inúmeros outros animais para enganar sua presa.

aponta Champlin (1987, p. 179), a quem o carregado cognome *Corocotta* seria apropriado, ainda mais num mundo em que a distinção entre mercenários e soldados não era sempre clara, e onde a legislação imperial da passagem do século IV para o V d.C. reforçou amiúde a aproximação entre desertores e bandoleiros.²⁶

Resolvidos tais aspectos, um tópico de história social e cultural foi então debatido por Champlin (1987) e ampliado por Aubert (2005). Por que em específico o testamento desse porquinho encontrou tamanha difusão? A chave para compreendermos a transmissão do texto dependeria, na feliz expressão de Aubert, de abrirmos sua “caixa-surpresa” (“*jack-in-the-box*”). Champlin (1987, p. 181) fez uma associação muito vistosa do porquinho-soldado à Trácia, por via da expressão *Bessorum cachinno* encontrada em S. Jerônimo. Na latinidade tardia, diz o estudioso, os *Bessi*, um dos povos trácios, passaram a designar genericamente todos os trácios; e conforme as palavras do autor anônimo do *Expositio totius mundi et gentium*²⁷, a Trácia era conhecida por fornecer soldados ao Império. O nosso porquinho poderia, assim, ser um soldado semi-barbárico, especialmente violento e ainda por cima desertor e covarde, dado aos trocadilhos, à rima e ao humor obsceno, além de presunçoso, mas pobre em recursos e um iletrado confesso. Tal figura negativa, lembremos, aparece associada às festividades da Saturnália. Apoiado em M. Meslin (1970, p. 90-93), Champlin (1987, p. 181; tradução própria) caracterizou esse tempo como “não apenas de sacrifício, refeição comunal e troca de dons, mas também de inversão social, mascaradas e ocasional violência”.²⁸ Tendo em vista a condenação da Saturnália no século IV d.C. pela Igreja, bem como o nada ilustre protagonista do *Testamentum*, ficam mais claros os motivos de o tradutor da *Vulgata* ter reprovado o texto.

Tanto o paralelo invocado por S. Jerônimo com as *fabellae Milesiae* a servir de exemplo de frivolidade, quanto a figura risível do soldado-porquinho, quanto, ainda, a paródia de um documento tão importante no mundo romano levaram Champlin (1987, p. 182-183) a tentar

²⁶ Champlin (1987, p. 179) lista as passagens do *Codex Theodosii* 7.18.7, 7.18.14-15, 7.20.7.

²⁷ No parágrafo 50 da tradução latina do original (perdido) em grego: *Thracia provincia [...] maximos habens viros et fortes in bello; propter quod et frequenter inde milites tolluntur.*

²⁸ “a time not only of sacrifice, communal dining, and gift exchange, but of social inversion, masquerade, and occasional violence.”

especificar melhor a circulação textual do *Testamentum Porcelli*.²⁹ Bücheler (1963) apontara o importante precedente de outro *Testamentum* derrisório dos costumes romanos entre os fragmentos das sátiras menipeias de Varrão, ao que Champlin juntou primeiro a menção a um mimo que escarnecia do testamento de Júpiter morto³⁰, depois o famoso testamento de Trimalquião³¹. Deste, os propósitos satíricos voltados à figura do liberto também atingiam, tal como o porquinho a certos soldados, um conhecido participante da vida social romana da primeira metade do primeiro milênio. E após se inscrever em semelhante espaço literário, o *Testamentum* conheceria herdeiros tardios aos montes, no medievo e nas literaturas francesa e inglesa dos séculos XV a XVIII.³² É o exemplar mais antigo conhecido de um testamento animal (Champlin, 1987, p. 182)³³. Sob a moldura satírica que nos interessa mais de perto, essa é uma tradição centrada em dois aspectos já salientes no *Testamentum Porcelli*: a expressão algo acusatória e cifrada pelo olhar animal de juízos sobre a vida humana, e a divisão do corpo do testamentário em partes adequadas aos vícios, atividades e preferências dos humanos.

O último passo dessa hipótese interpretativa é o desenvolvimento mais recente que lhe deu Aubert (2005), segundo quem esse ancestral dos testamentos animais teria um propósito ainda mais específico do que ridicularizar a rudeza flagrante de parte do exército romano.³⁴ Primeiro, Aubert diagnosticou uma correção a ser feita na interpretação de Champlin, quando aquele autor afirmara que as falhas jurídicas do *Testamentum* o associariam inevitavelmente ao universo militar. Citando dois exemplos de testamentos militares que seguiram à risca as exigências formais do direito romano³⁵, Aubert passou a perseguir, por sua vez, a hipótese de

²⁹ Alguns anos antes do ensaio de Champlin vir a público, o *Testamentum* fora associado por Mocci (1981, p. 4-8 *apud* Maldonado, 2005, p. 408) a um tipo de literatura burlesca pouco conhecida e estudada, que se supõe característica das festividades do mês de dezembro. Fercia (1999) vai nessa direção (a julgar por seu resumo), quando fala na troca de “dons literários” por ocasião da Saturnália visando o *ludus* e a *oblectatio* do destinatário, e diz que tal tradição provavelmente nasceu em regiões helenísticas cultas do Império.

³⁰ Tertuliano, *Apologeticum* 15.1: *lovis mortui testamentum recitatum*.

³¹ *Satyricon* 71.1-12.

³² Para consulta, Champlin (1987, p. 182) remete aos trabalhos de E. C. Perrow (1914), W. H. Rice (1941, p. 37-82) e U. Bach (1977; 1982, p. 17-21). Aubert (2005) acrescenta ao levantamento H. Tardel (1926) e J. P. Vidal (1947).

³³ Aubert (2005), na nota de rodapé nº 45, apresenta um levantamento de exemplares desse gênero dos séculos XV ao XX.

³⁴ Devo remeter o leitor interessado ao ensaio (Aubert, 2005), visto serem demasiado longas a discussão e a bibliografia citada pelo autor.

³⁵ *Fontes Iuris Romani Antejustiniani* III², 47 e III², 50.

o autor anônimo ter desrespeitado de propósito a estrutura testamentária, pois isso seria necessário à espécie de enigma (*conundrum*) que propunha a seu leitor.

A resposta ao enigma, defendeu Aubert (2005), nos levaria a um autor culto, falante do latim, provavelmente judeu, conhecedor do direito romano e do Cristianismo primitivo. Seu texto seria um falso testamento que se delata como tal, visando ridicularizar a herança testamentária, ou melhor, o credo fundamental do Cristianismo e o sacramento a ele associado. Noutras palavras, ao propor-se como um documento jurídico autoanulável, o *Testamentum Porcelli* seria um panfleto a atacar, respectivamente, a promessa de Vida Eterna após a morte — de que daria sinais a longevidade reivindicada pelo porquinho —, e a Eucaristia — cujo indício maior seria a sugestão de que o corpo de Grunho Hiena está para ser devorado. Nesse caso (e é o que Aubert se dedicou a reconstituir), o porco, animal especialmente abjeto para algumas culturas antigas dentre as quais a judaica, só poderia ter um alvo a quem se identificar: Jesus Cristo. E a textualidade cifrada, para a qual a decifração torna-se uma exigência de leitura, seria justificada pelos cuidados necessários numa época em que o Cristianismo “não apenas fora tolerado (313), mas tornara-se dominante, oficial, e religião exclusiva do Império Romano, especificamente após Teodósio I banir todos os demais cultos em 391” (Aubert, 2005; tradução própria)³⁶. Os maus-leitores deplorados por S. Jerônimo talvez não o suspeitassem, incapazes de tamanha profundidade de percepção, mas a superfície obscena do texto deve ter sido o suficiente para despertar suas risadas. Seria factível imaginar, por outro lado, que a circulação escolar inadequada, indicial de uma transmissão cultural decerto igualmente inadequada, pode não ter sido a única razão a provocar o mau-humor do tradutor da *Vulgata*. De todo modo, São Jerônimo — Aubert (2005) insinuou, a valorizar sua própria hipótese — jamais poderia imaginar que suas reclamações contribuiriam para a emergência, muitos séculos depois, desse texto cujo caráter anticristão, talvez bastante pronunciado, é hoje motivo de debate.

³⁶ “it should be concluded that the *Testamentum porcelli* was written at a time when Christianity had not only been tolerated (313), but had become the dominant, official, and exclusive religion of the Roman empire, namely after Theodosius I’s ban of all other cults in 391.”

4 “*Plus quam mille annos impleam*”

Não é meu intuito por ora e nem há espaço para desenvolver mais extensamente e avaliar a hipótese até a qual Aubert avançou a discussão. É preciso observar, porém, o quão complexo e multidisciplinar é o estado atual do debate sobre o *Testamentum Porcelli*, capaz de iluminar, como disse acima, os passos latinos da história de um gênero literário muito cultuado no medievo e nos primeiros séculos da modernidade. Diante disso, não me parece lícito que a discussão brasileira continue restrita aos limites traçados em 1994 pela resenha de Bechara à *Linguística Românica* de Ilari. Deve estar justificado até aqui o interesse de uma nova tradução para o português com o aparato de notas pertinente.

Para finalizar, recorro que toda tradição textual transmissória (a acadêmica inclusa) é forma de manter aceso o interesse que certos resquícios do passado parecem ter para o presente mais imediato. Imaginasse o autor anônimo do *Testamentum Porcelli* o quanto seria escrito futuramente sobre sua breve brincadeira — talvez um pouco mais séria do que se costumava imaginar —, a ponto de a longevidade supramatusalêmica reivindicada pelo porquinho *M. Grunnius Corocotta* soar talvez moderada, poderia bem ter apostado o ovidiano *vivam* à palavra final de seu texto.

Referências

ANDERSON, G. The *Cognomen* of M. Grunnius Corocotta: A *dissertatiuncula* on Roast Pig. **American Journal of Philology**, Baltimore, v. 101, n. 1, p. 57-58, 1980.
<https://doi.org/10.2307/294174>

AUBERT, J.-J. “Du lard ou du cochon”? The *Testamentum Porcelli* as a Jewish Anti-Christian Pamphlet. In: AUBERT, J.-J.; VÁRHELYI, Z. (ed.). **A Tall Order. Writing the Social History of the Ancient World: Essays in honor of William V. Harris**. Berlim; Boston: B. G. Teubner, 2005. p. 107-141.
<https://doi.org/10.1515/9783110931419.107>

BACH, U. **Das Testament als literarische Form: Versuch einer Gattungsbestimmung auf dem Grundlage englischer Texte**. Dusseldorf: Stern-Verlag Janssen, 1977.

BACH, U. **Kommentierte Bibliographie englischer literarischer Testamente: vom 14. bis zum 20. Jahrhundert**. Heidelberg: C. Winter, 1982.

BALDWIN, B. The *Testamentum Porcelli*. In: BALDWIN, B. **Studies on Late Roman and Byzantine History, Literature and Languages**. Amsterdã: Brill, 1984. p. 137-148.
https://doi.org/10.1163/9789004673083_017

BASSETTO, B. **Elementos de Filologia Românica**. v. 1. São Paulo: EDUSP, 2013.

BECHARA, E. Lingüística Românica. **Confluência**, Rio de Janeiro, n. 7, p. 95-103, 1994. Disponível em: <https://www.revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/794>. Acesso em: 25 maio 2024.

BERMÚDEZ RAMIRO, J. **Testamentum porcelli**: comentario lingüístico. Castellón: [s.e.], 1985.

BOTT, N. A. **Testamentum Porcelli. Text, Übersetzung und Kommentar**. 1972. 65 f. Dissertação (Doutorado) – Faculdade de Filosofia I da Universidade de Zurique, Zurique, 1972.

BÜCHELER, F. **Petronii Satirae**. Berlim: [s.e.], 1904; 1963.

CARVALHO, J. G. H. de. **Lições de Linguística Românica**. 3. ed. Coimbra: [s.e.], 1966-1967.

CAVALLERA, F. **Saint Jerome**: sa vie et son oeuvre. Primeira Parte. Tomo 2. Louvain: "Spicilegium Sacrum Lovaniense" Bureaux; Paris: Librairie Ancienne H. Champion et É. Champion, 1922.

CHAMPLIN, E. The Testament of the Piglet. **Phoenix**, Toronto, v. 41, n. 2, p. 174-183, 1987. <https://doi.org/10.2307/1088743>

CHAPPUIS SANDOZ, L. **Terres d'abondance. Paysages et images poétiques de la fertilité et du don dans la littérature latine**. Bruxelas: Latomus, 2004.

CHIARUGI, E. Solivertiator. **Atene e Roma**, Lecce, v. 23, p. 87-93, 1978. [https://doi.org/10.1016/0013-4686\(78\)80102-9](https://doi.org/10.1016/0013-4686(78)80102-9)

COSERIU, E. **El llamado "Latin vulgar" y las primeras diferenciaciones romances**: breve introducción a la lingüística románica. Uruguai: Universidade de la República, 1954.

COSTA, E. P. F. de S. A preposição atuando na passagem ótica do latim clássico para o latim vulgar sob a da teoria do caso. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 5, n. 5, p. 111-125, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/5181>. Acesso em: 23 maio 2024.

DAUBE, D. **Roman Law: Linguistic, Social and Philological Aspects**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1969.

DÍAZ Y DÍAZ, M. C. **Antología del Latín Vulgar**. 2. ed. Madrid: Editorial Gredos, 1962.

D'ORS, A. El *Testamentum Porcelli* y su interés para la historia jurídica. **Revue Internationale des Droits de l'Antiquité**, [s.l.], v. 3, n. 2, p. 219-233, 1955.

D'ORS, A. *Testamentum Porcelli*. **Suplementos de Estudios Clássicos**, Madrid, v. 3, p. 74-83, 1953.

DZIKOWSKI, A.; JUREWICZ, A. R.; MOLISAK, G. *Testamentum Porcelli*. **Zeszyty Prawnicze**, Varsóvia, v. 16, n. 4, p. 11-35, 2016. <https://doi.org/10.21697/zp.2016.16.4.02>

ERNOUT, A.; MEILLET, A. (eds.). **Dictionnaire étymologique de la langue latine**: histoire des mots. 4. ed. rev. Paris: Klincksieck, 2001.

FABRE, D.; FABRE-VASSAS, C. Le testament du cochon. **Via Domitia**, [s.l.], v. 14, n. 2, p. 121-156, 1978.

FERCIA, R. Un singolare testamento privo della 'heredis institutio': il cosiddetto 'testamentum porcelli' tra 'fabulae Milesiae' ed ellenismo giuridico. **Bullettino dell' istituto di diritto romano**, [s.l.], n. 40-41, p. 796-816, 1998-1999. Disponível em: <https://ejournals.lib.auth.gr/bidr/article/view/1854>. Acesso: 28 maio 2024.

FERNÁNDEZ LÓPEZ, M. C. El *Testamentum Porcelli* y el Latín hispánico occidental. In: Congreso Español de Estudios Clásicos: Unidad y pluralidad en el mundo antiguo, 6, 1981, Sevilla. **Anais...** Madrid: [s.e.], 1983. p. 349-353.

FORBES, C. A.; GINSBURG, M. S. Le *testamentum porcelli*: Une parodie romaine. **RPh**, [s.l.], v. 3, n. p. 171-181, 1936.

FORBES, C. A.; GINSBURG, M. S. The *testamentum porcelli*: a late Roman parody. In: HEWITT, J. W. (ed.). **Transactions and Proceedings of the American Philological Association**. v. 64. Middletown; Connecticut: The Johns Hopkins University Press, 1933. <https://doi.org/10.2307/283167>

GURLITT, L. *Testamentum Porcelli*. **Philologus**, [s.l.], v. 79, p. 433, 1924. <https://doi.org/10.1515/phil-1923-0405>

HAUPT, M. **Opuscula**. v. II. Leipzig: [s.e.], 1876.

HERAEUS, W. **Petronii Cena Trimalchionis**: nebst ausgewählten pompejanischen Wandinschriften. 3. ed. Heidelberg: Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, 1939.

HERRMANN, L. Le testament du cochon. In: ARANGIO-RUIZ, V. et al. **Studi in onore di Ugo Enrico Paoli**. Firenze: Felice Le Monnier, 1956. p. 385-391.

ILARI, R. **Linguística românica**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

LINDERSKI, J.; LINDPERSKI, J. Finis Porcelli. **Rivista di cultura classica e medioevale**, Pisa/Roma, v. 39, n. 1, p. 105-107, gen.-giu. 1997. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23949170>. Acesso em: 29 maio 2024.

MALDONADO, S. I. R. Terminología erótica y efecto cómico en el *Testamentum Porcelli*. **Habis**, Sevilla, v. 36, p. 407-421, 2005. Disponível em: <https://idus.us.es/handle/11441/30737?locale-attribute=en>. Acesso em: 28 maio 2024.

MANTZILAS, Δ. Η ανωνυμη σατιρα *Testamentum Porcelli*: νοουμενα και υπονοουμενα. In: Gasti, H. (ed.). **ΔΟΣΙΣ ΑΜΦΙΛΑΦΗΣ**: Honorary volume for Professor Emerita K. Synodinou. Ioánnina: Carpe Diem, 2020. p. 363-392.

MARIOTTI, I. Kalendae Lucerninae. **Rivista di cultura classica e medioevale**, v. 20, p. 1021-1025, 1978.

MESLIN, M. **La fête des kalendes de janvier dans l'empire romaine**: étude d'um rituel de Nouvel An. Bruxelles: Latomus, 1970.

MEYER, E. A. **Literacy, Literate Practice, and the Law in the Roman Empire, A.D. 100-600**. 1988. 661 f. Tese (Doutorado) – Yale University, New Haven, 1988.

MOCCI, B. **Testamentum Porcelli**: una problematica parodia tardolatina. Innsbruck: [s.e.], 1981.

MOREIRA, L. L.; COSTA, E. P. F. de S. (2022). A variação na redução do ditongo *au* do latim ao português. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 25, n. 1, p. 136-147, abr. 2022. <https://doi.org/10.5433/2237-4876.2022v25n1p136>

PERROW, E. C. The Last Will and Testament as a Form of Literature. **Transactions of the Wisconsin Academy of Sciences**, Wisconsin, n. 17, p. 682-753, 1914.

PLINY, the Elder. **Naturalis Historia**. Ed. Karl Friedrich Theodor Mayhoff. Lipsiae: Teubner, 1906.

QUETGLAS, P. J. *Testamentum Porcelli*: una parodia jurídica?. **AFFB**, [s.l.], v. 6, p. 135-142, 1980.

RADERMACHER, L. **Beiträge zur Volkskunde aus dem Gebiet der Antike**. Viena: Hölder, 1918.

RICE, W. H. **The European Ancestry of Villon's Satirical Testaments**. Nova Iorque: Corporate Press, 1941.

SCARPAT, G. Una rara accezione di *transire* nel *Testamentum Porcelli*. **Paideia**, [s.l.], v. 36, p. 35-38, 1981.

SOZIM, R. J. O *Testamentum Porcelli*. Tradução e notas: Raul José Sozim. **Uniletras**, Ponta Grossa, v. 9, p. 50-58, dez. 1987.

TARDEL, H. Die Testamentsidee als dichterisches Formmotiv I. **Niederdeutsche Zeitschrift für Volkskunde**, Bremen, v. 4, n. 2, p. 72-84, 1926.

TUFFANI, E. **Repertório brasileiro de língua e literatura latina (1830-1996)**. Documento *on-line*. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://www.e-tuffani.com.br/products/repertorio-brasileiro-de-lingua-e-literatura-latina-1830-1996-suplemento-1997-2006-versao-preliminar/>. Acesso em: 23 maio 2024.

VIDAL, J. P. Romances vulgares. Testamentos de bestias. **Revista de Dialectología y Tradiciones Populares**, Madrid, v. 3, n. 3, p. 524-550, jan. 1947. Disponível em: <https://www.proquest.com/scholarly-journals/romances-vulgares-testamentos-de-bestias/docview/1301799402/se-2>. Acesso: 01 jun. 2024.

WIESEN, D. S. **St. Jerome as a Satirist: A Study in Christian Latin Thought and Letters**. Ithaca: Cornell University Press, 1964.

Recebido em: 18.06.2024

Aprovado em: 16.12.2024